

# OKTOBERFEST/1997

## Tradição inventada para o lazer dos teuto-brasileiros<sup>1</sup>

Ilse Lorena Von Borstel Galvão de Queirós<sup>2</sup>

No mundo contemporâneo, tudo parecia convergir para um único caminho: o da racionalização, da tecnologia e da informática, o que sugeria, por sua vez, a total e completa mercantilização das relações sociais. No entanto, a partir da década de 1970, o surgimento de uma força incomensurável de objetos e práticas plenas de utilização simbólica e ritual — sustentada por diversas instituições, movimentos ideológicos e grupos associativos — lança mão de velhos elementos, adaptando uns e inventando outros novos que se relacionam à subjetividade afetiva do homem e propagam-se de forma eficiente e rápida no ambiente social urbano.

Nesse contexto, pode-se destacar que só recentemente, no Sul do Brasil, eventos culturais étnicos e assemelhados ganharam notoriedade nunca vista na história social e cultural brasileira. Observa-se também que, em nenhum outro momento, a etnicidade germânica tenha se projetado no imaginário social com tamanha carga simbólica afirmativa.



Na aurora do século XXI, o fato aumenta em significado quando se recorda que o início da imigração européia para o Brasil ocorreu ainda no século XIX. Nessa trajetória, alguns elementos merecem ser registrados, tal como é o caso da campanha de formação cultural nacionalista, incentivada no período do Estado Novo (1937-1945). Cabe lembrar o fato de que o governo dessa época tomou uma série de medidas que visavam reprimir as manifestações culturais relacionadas a alguns países europeus, em especial junto às colônias alemãs e italianas do Sul do Brasil. A partir deste período, observou-se um gradativo ocultamento, minimização e desaparecimento da identidade étnica na região, atingindo, assim, as manifestações públicas ligadas à idéia de germanidade (cf. SEYFERTH, 1981). Isto pode ser observado tanto na vida dos imigrantes e descendentes de alemães da região Sul em geral, bem como na vida daqueles que migraram para novas frentes de colonização, em regiões como o Oeste do Paraná, e se estabeleceram em novos municípios, tal como ocorreu na localidade de Marechal Cândido Rondon.

Nas décadas iniciais da colonização da então vila de General Rondon — que, posteriormente, passou a ser designada como município de Marechal Cândido Rondon —, “ser alemão” significava ser aceito e ser valorizado como cidadão da comunidade rondonense. A continuidade da política de brasilidade por parte do governo brasileiro, a divulgação das atividades do governo nazista na Alemanha — com destaque para os campos de concentração e o extermínio de judeus —, a infiltração sucessiva dos meios de comunicação de massa e a absorção dos valores urbanos em oposição aos rurais. Estes foram alguns dos fatores que interferiram de maneira decisiva para que a língua alemã e outras práticas culturais étnicas típicas da cultura alemã fossem desvalorizadas. Além disso, estes fatores influenciaram para que as manifestações germânicas sofressem restrições e preconceitos, seja por pessoas de fora do Município, seja pela própria coletividade rondonense.

Em conseqüência, a grande parcela jovem da comunidade urbana começou a ver os que permaneceram no campo e as pessoas adultas e mais idosas (incorporadas pelo processo de urbanização) e que mantinham a cultura germânica no seu cotidiano, com as características de anti-brasileiro, atrasado e inculto, estigmatizando-as por meio de termos como “alemão”, “alemão-grosso”, “alemão-batata” e “colono”<sup>3</sup>.

Como representação simbólica, a carga pejorativa destes termos, em Marechal Rondon, começou a declinar na década de 1970, em grande parte pela aceitação das restrições legais e a absorção dos valores ideológicos da política de nacionalização, simultaneamente às conseqüências da mecanização da agricultura.

A agricultura foi mecanizada através de incentivos estaduais e federais, ocorrendo uma produção acentuada das culturas de soja e trigo, com altas taxas de produtividade nas terras, produzindo-se para o mercado interno e externo. O fenômeno possui vínculos estreitos com a penetração definitiva das relações capitalistas no campo. Foi desse modo que o colono com lavoura mecanizada, passando da produção familiar para a produção exportadora e, com os “bolsos cheios” para gastar no comércio urbano, fez com que os adjetivos utilizados para designá-los “fossem revistos ou senão mudados”, segundo José Iurkiv (1993, p.20), passando a ser designado como agricultor, adquirindo *status* nesta profissão.

A valorização do colono-alemão, simultaneamente, fez com que fossem revalorizadas as manifestações étnicas germânicas pela comunidade. Conseqüentemente, os valores culturais, anteriormente considerados pejorativos, passaram a ser considerados positivos, principalmente no ambiente urbano. Este foi o momento propício para lançar mão de iniciativas, em especial por parte do poder público, para a criação de um Projeto de Germanização do Município e da *Oktoberfest*.

No que diz respeito às festas tradicionais, como manifestações de lazer, o estudo de Denise Sant'Anna (1994) é fundamental, pois mostra que, progressivamente, a partir do início do século XX, em São Paulo, elas começaram a desaparecer do cenário urbano, devido ao seu caráter de inutilidade e

improdutividade, e por serem vistas como práticas ultrapassadas em função dos modernos valores urbanos e o aumento da diversidade de divertimentos na cidade. Sendo assim, as festas foram substituídas por outras atividades de lazer mais modernas ou misturadas aos ventos da modernidade.

Esta noção de festa tradicional, de acordo com a autora, está diretamente atrelada ao surgimento progressivo de uma concepção sobre lazer, que se consolida na década de 1970:

Afirma-se uma tendência em conceber o lazer como um estatuto que certas atividades, espaços, equipamentos e atitudes adquirem na medida em que respondam não somente às necessidades de descanso e de diversão do trabalhador mas, ao fazê-lo, implementem também valores e normas à organização de esferas e interesses sociais do mundo do trabalho, da política e da economia (SANT'ANNA, 1994, p.10).

Destaca-se a importância desta argumentação porque ela apresenta subsídios para compreender, particularmente, algumas questões relevantes relacionadas às festas étnicas no Sul do Brasil, entendidas como práticas do tempo de lazer. Entende-se, assim, que estes foram os motivos pelos quais, em um primeiro momento, estas festas sofreram uma subtração cultural, mas também, posteriormente, estes são também os motivos pelos quais elas ressurgem ou se reafirmam no cenário urbano como práticas de lazer institucionalizadas, por iniciativa de administrações públicas, instituições sociais e grupos comunitários. A partir dessas iniciativas, originou-se um grande número de festas étnicas na vida urbana, tendo como objetivos responder às diversas necessidades e interesses de caráter cultural, social, político e econômico, constituindo-se em eventos de lazer e turismo.<sup>4</sup>



Dando continuidade à abordagem desenvolvida por Denise Sant'anna, a autora considera que foi sob este prisma que, em São Paulo, os diversos setores sociais e os estudiosos “erigiram um conceito de lazer que visava a tornar útil e valoroso o lúdico e o descanso a interesses mais diversos: à indústria da moda, aos meios de comunicação de massa, à disciplina do trabalho, aos objetivos governamentais, etc.” (SANT'ANNA, 1994, p.10). Cumpre notar que, se de um lado o lazer era entendido como uma esfera e um tempo dissociados do trabalho e da política econômica, de outro, era necessário instrumentalizá-lo de acordo com as finalidades sociais extrínsecas à gratuidade e à informalidade das brincadeiras e do lúdico.

Compreende-se, assim, porque as festas étnicas em Marechal Rondon — expressão da cultura teuto-rondonense, associadas à vida desta comunidade —, passaram a ser desenvolvidas, principalmente, no ambiente rural, sendo uma das principais atividades lúdicas destas comunidades, bem como passaram a ser consideradas como práticas específicas do tempo disponível de alguns grupos de pessoas adultas e idosas urbanas. Além disso, antes da década de 1970, estas práticas eram concebidas pela população jovem urbana como atividades atrasadas e ultrapassadas culturalmente e, posteriormente, transformaram-se em práticas institucionalizadas, desenvolvidas no ambiente urbano, denominadas como *Oktoberfest* e *Pré-Oktoberfest*. Nessa condição, passaram a ser vistas como espaço de cultura e diversão, adquirindo afirmação da população urbana e uma popularidade em toda região Oeste do Paraná, representando uma opção de lazer, e também de trabalho para muitos de seus participantes.

Com base no exposto, pode-se afirmar que o surgimento destes eventos culturais e das outras práticas relacionadas à etnia alemã, em Marechal Rondon, não pode ser pensado como prática cultural original e autêntica, pois isto implicaria em referir-se à cultura como algo estático. Por consequência, pensá-las desta forma é impossível, pois o próprio aparecimento de iniciativas e movimentos que defendem o resgate e a restauração das tradições indica a ruptura da continuidade histórica, ou o fato de que elas, deliberadamente, não são mais usadas, ou, ainda, de que não foram adaptadas. E, por isso, essas ocasiões se constituem em exemplos significativos de “tradições inventadas”.

Por entender que as festas tradicionais urbanas são recriadas e reinventadas, entrelaçando passado e presente, remete-se aqui à noção de tradição inventada, tal qual a formularam Eric Hobsbawm e Terence Ranger, isto é, como “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (1984, p. 09). Os autores mostram que as tradições inventadas se constituem em reações a situações novas que se caracterizam tanto como formas de manifestações relacionadas a situações históricas anteriores ou como manifestações em que se inventa e cria uma continuidade histórica.

Em Marechal Rondon, a primeira edição da *Oktoberfest* ocorreu em 1987, inspirada na tradicional festa de Blumenau (Santa Catarina), na cultura alemã e teuto-rondonense, por meio da iniciativa do poder público local, simbolizando todo um complexo cultural germânico, no qual as representações enunciadas na festa planejada não são dissociadas dos papéis sociais dos participantes.<sup>5</sup> Considera-se que é desse imaginário germânico que se nutre a *Oktoberfest*, pois ela está marcada pela valorização dos fatores de identificação étnica.

É a partir desses elementos que se pode afirmar que a *Oktoberfest* tem autoria. Ela não foi, portanto, um mero acaso da dinâmica cultural. Seus autores são conhecidos e, para fazer valer seu projeto cultural, eles exerceram um significativo poder político e cultural junto à comunidade rondonense. Marechal Cândido Rondon teve sua primeira *Oktoberfest* em outubro de 1987, desenvolvida no Parque de Exposições Álvaro Dias, com duração de três dias. A sua programação consistia principalmente de bailes, consumo de chope e alguns pratos típicos. Cabe acrescentar que as danças, nesta época, não reproduziam os ritmos típicos do folclore alemão, mas marchas, do gênero “abastardado”,<sup>6</sup> por apresentar estruturas rítmicas brasileiras.

No decorrer de suas edições anuais, a comissão organizadora buscou ampliar o evento por meio da construção de novas estruturas físicas e da criação de novas formas de divulgação, atividades e decoração, no sentido de atrair o público das esferas regional, estadual e nacional, projetando e identificando o município.

No que se refere especificamente às atividades desenvolvidas durante a festa, foram criadas algumas figuras e práticas expressivas de novas representações da germanidade, como é o caso dos personagens símbolos da festa (*Opafass*<sup>7</sup> e Rainha), do desfile, do Concurso de Chope em Metro, do *Bierwagen*<sup>8</sup> e das várias comidas típicas.

Paralelamente, foram implementadas outras iniciativas por parte da administração municipal tendo como objetivo valorizar e resgatar a cultura germânica. Entre elas, destaca-se a formação de grupos folclóricos, da banda municipal e de corais, bem como de “associações de idosos”, que passaram a promover, semanalmente, bailes e outras atividades desenvolvidas de tal maneira que incentivassem os traços germânicos. Houve também a preocupação com a preservação da língua alemã através de algumas escolas, oferecendo-a como opção de estudo em língua estrangeira. Destaca-se, ainda, o Café Colonial e restaurantes que proporcionam o consumo de produtos da colônia alemã.

Com base no exposto, a organização institucional desta festa, progressivamente fez com que alguns aspectos, que sempre se registravam nos modos de expressão e na vida dos imigrantes alemães e seus descendentes, passassem a ser investidos e valorizados. Além disso, utilizaram os costumes, produtos e objetos antigos e outros novos, que simbolizassem os imigrantes alemães, entrelaçando o passado e o presente.

Este contexto mostra como a Alemanha adquire valor imaginativo e figurativo, que se aproxima da definição de “comunidade imaginada”, de ANDERSON (1989, p.15), ou seja, aquele país, seus costumes, hábitos e população adquirem valor mítico, tornando-se um referencial imagético poderoso a comandar a subjetividade e a objetividade das pessoas. Sob este prisma, Maria Bernadete Flores, em seu estudo sobre as festas germânicas de Santa Catarina, descreve que:

A montagem destas festas foi realizada com as modernas tecnologias do lazer, num trabalho de “bricolage”, criando algo novo a partir de elementos pré-existentes. Trabalho de enquadramento de elementos novos e velhos para compor um cenário onde se destacam as tradições, para que a festa seja apresentada e vivenciada como uma tradição (FLORES, 1997, p. 14).

Atualmente, as festas tradicionais urbanas são utilizadas, na grande maioria das vezes, como um dos artifícios para atração de turistas, transformando-se em atividades de lazer mercantilizadas. Desse modo, as festas se transformam em eventos que oferecem opções de lazer às pessoas, mas, simultaneamente, oferecem tempo e espaço para o trabalho. Ainda segundo Maria Bernadete Flores, “a tecnologia e a metodologia das festas germânicas tornaram-se um modelo de economia turística” (FLORES, 1997, p.15).

A partir destas considerações, pode-se observar como são transformados os códigos e os valores que constituíam as festas tradicionais, que passam a ser concebidas como eventos e atividades de lazer consumíveis por um público genérico. Com as novas formas de organização, ocorrem alterações significativas sobre os modos de percepção das festas em função, principalmente, de políticas públicas de lazer e turismo dos órgãos públicos municipais e estaduais.

É nesse contexto que, em Marechal Rondon, a *Oktoberfest*, com maior ênfase a partir da década de 1990, recebeu um novo brilho e novas composições, divulgados nos jornais e nas propagandas televisivas, aparecendo como novidade ao destacar seu poder de atração e sedução. Isto fez com que esta proposta de lazer urbano adquirisse um grande interesse por parte das populações locais e, principalmente, dos turistas.

A décima primeira edição da *Oktoberfest*, ocorrida no de 1997, foi concebida como evento de lazer de massa. Inserida nessa perspectiva, a festa necessitou ser redimensionada sob vários aspectos. Entre diversas iniciativas, houve uma atenção especial — por parte do poder público, das elites locais e da Comissão Central Organizadora dos Festejos (CCO) —, em relação à manutenção e ao reforço da imagem que identifica a festa e o município. Nesse sentido, desenvolveram-se estratégias de legitimação simbólica e política de representação da germanidade, em torno de um cenário voltado principalmente para a atração de turistas.

Sendo assim, no mês de outubro de 1997 o cenário da cidade recebeu cuidados especiais, especialmente no que diz respeito à decoração através de motivos germânicos. Exemplo disso foi o desenvolvimento do Concurso de Vitrinas e Fachadas, o qual teve a participação da maioria do comércio e de instituições públicas, que decoraram seus prédios e ambientes, tanto interna como externamente, com as características típicas da arquitetura germânica. Além dos trabalhos de decoração das fachadas de prédios, o poder público passou a incentivar a construção de prédios públicos e estabelecimentos comerciais com base na arquitetura colonial alemã.

Da mesma forma, a administração municipal enfeitou o espaço físico da cidade. Troncos de árvores e meios-fios das ruas centrais foram pintados. Flores foram plantadas e os canteiros públicos arrumados. Determinadas ruas foram decoradas com bandeirolas, flores e *outdoors*. Concomitantemente, iniciou-se o período festivo da 11ª *Oktoberfest* com o desenvolvimento de quinze *Pré-Oktoberfest*, tanto no espaço urbano como no interior do município.

Concluída a fase preliminar, iniciou-se a 11ª *Oktoberfest*, que se desenvolveu em duas etapas: de 16 a 19; e de 23 a 26 de outubro de 1997. Em relação ao cenário da festa, observou-se que houve uma grande preocupação com um visual colorido e alegre, obtido a partir de atributos nitidamente germânicos, o que contribuiu para consolidar a imagem identitária da festa.

A programação oficial constou de várias atividades que se desenvolveram no decorrer daqueles dias, tais como Carreata do *Bierwagen*, Concurso da Rainha da *Oktoberfest* 1997, apresentações de grupos folclóricos de diversas etnias (germânicos, italianos, ucranianos), apresentação de bandas, bailes no centro de eventos, Concurso de Chope em Metro, Desfile Folclórico e Carros Alegóricos, Exposição de Orquídeas, cardápios típicos e quiosques de *souvenirs*. Além destas atividades relacionadas mais diretamente com a cultura alemã e teuto-rondonense, o evento contou ainda com a oferta de variedades de produtos ao público: parque de diversões, barracas de lanches, quiosques e barracas de “camelôs”.<sup>9</sup>

Percebe-se que a prioridade dos eventos da 11ª *Oktoberfest*, como em todos os anos, procurou reunir e conservar elementos tradicionais germânicos. Neste ano também foram incluídas atividades folclóricas correspondentes a outras etnias européias. Além dessas, os atores da festa criaram outras atividades de cunho mais específico.

Em comparação com os anos anteriores, observou-se, nesta festa, um grande investimento em relação à decoração dos pavilhões, restaurantes e imediações do parque de exposições, que foi acrescida e melhorada com novos elementos, utilizando-se de toda tecnologia moderna, fato que, no seu conjunto, deu um aspecto altamente festivo ao local, ampliando, assim, efetivamente o seu conteúdo turístico. Os espaços do evento foram decorados com muitas bandeirolas, flores, faixas nas cores da bandeira da Alemanha e da bandeira de Marechal Cândido Rondon, com vasos de flores e folhagens artificiais, com diversos *paneaux* decorativos com figuras ou dizeres escritos em alemão, entre outros. A estética da decoração atraiu e seduziu os participantes, uma vez que grande parte dos descendentes de alemães destacou que este foi um dos aspectos do qual gostaram mais na festa desse ano.

Com relação ao repertório musical, tocado pelas bandas, pode-se dizer que predominou o ritmo de marcha, sendo que as músicas eram cantadas tanto na língua alemã como mesclando o idioma alemão com o português. Muitas vezes, estas marchas alemãs se apresentaram adaptadas, aproximando-se do ritmo do rock, principalmente nos momentos mais animados, como é o caso das sextas-feiras e sábados, quando a presença majoritária é de jovens e adolescentes.

No decorrer da 11ª *Oktoberfest/97*, verificou-se que vários participantes trajavam roupas típicas alemãs, como é o caso dos integrantes de conjuntos musicais ou grupos folclóricos, bem como a Rainha, o *Opafass* e seus acompanhantes, as autoridades municipais, os idosos e alguns casais de meia idade. No entanto, a grande maioria das pessoas presentes nesta festa estava vestida com traje esportivo. Em alguns casos, grupos de jovens organizavam blocos trajados com camisetas da mesma cor ou personalizadas com dizeres diversos, ou ainda com outras fantasias que identificassem a participação coletiva na festa.

Como acontecimento urbano, a festa e os seus eventos, naquele ano, envolveram grande parte da população jovem tanto da cidade de Marechal Rondon como de outras cidades vizinhas e até de outros Estados. Nesta edição, a festa contou com a presença pouco expressiva da população adulta e idosa e do meio rural.<sup>10</sup>

O que se conclui é que esta edição da *Oktoberfest* foi apresentada com o objetivo de celebrar as tradições alemãs e teuto-brasileiras, programada com “rituais de representação”<sup>11</sup> germânica. Contudo, trata-se na realidade de um acontecimento profano que se atualizou constantemente ao incorporar um visual moderno, novos eventos, diferentes personagens e novas expressões, caracterizando-se como um evento de massa.

Em seu estudo sobre a *oktoberfest* catarinense, Maria Bernadete sintetizou o significado daquela festa com termos que podem ser aplicados à 11ª *Oktoberfest/97* de Marechal Rondon. Para a autora, “estas festas são criações que re-criam, restauram, juntam outras criações culturais” (FLORES, 1997, p. 50). De acordo com sua análise, o termo “restauração cultural” é mais apropriado do que “resgate cultural”, pois lida com algo que tem a dimensão do tempo, ou seja, as festas são construídas e entendidas numa organização temporal atual em que a produção material e simbólica é restaurada através da invenção de tradições em uma determinada sociedade. Sendo assim, estas festas não têm as mesmas funções e significados de outrora, porque se compõem de outros materiais, de outros fatos, de outros personagens. Por conseguinte, exerce outras funções e remetem a outros significados (cf. FLORES, 1997).

Por tudo isso é que se pode falar que, em Marechal Rondon, a décima primeira edição da *Oktoberfest*, ocorrida em 1997, buscou combinar diversas tradições, restaurando umas, valorizando outras, recriando antigas e criando outras novas, todas relacionadas à etnia alemã, mas que ritualizam uma nova construção da idéia de germanidade, com o intuito de projetar e identificar o município, visando atrair novos investimentos e capitais para que a cidade se destacasse no cenário regional e nacional.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, R. de C. "Cidade em festa: o povo-de-santo (e outros povos) comemora em São Paulo". In: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Liliam de Lucca(Orgs.) *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996.
- ANDERSON, B. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BRANDÃO, C. R. *Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente: 1974.
- FLORES, M. B.; WOLF, C. S. "Imagens que não se apagam: representações de gêneros na *Oktoberfest*". *Revista Projeto História* - Programa de Estudos de Pós-Graduação da PUC-SP, n. 14, 1997a.
- FLORES, M. B. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na Estação do Chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997b.
- HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- KLUGE, M. F. M. *O Vêneto não pode morrer: um estudo sobre restaurantes, rituais e (re) construção da identidade italiana Santa Felicidade*. Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Paraná.
- IURKIV, J. E. *Criação e implicâncias na construção da identidade cultural rondonense*. Marechal Cândido Rondon, 1993. Monografia (Curso de Graduação em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon.
- SANT'ANNA, D. B. de. *O prazer justificado: história e lazer (São Paulo 1969/1979)*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

Notas



<sup>1</sup> Este texto tem origem nas discussões apresentadas em minha dissertação de mestrado: QUEIRÓS, Ilse Lorena Von Borstel G. de. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães*. Campinas, 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física – Estudos do Lazer) – UNICAMP/FEF. Orientação: Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcellino.

<sup>2</sup> Mestre em Educação Física/Estudos do Lazer pela Unicamp. Professora da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon (PR). Pesquisadora do CNPq: Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física Escolar da Unioeste (GEPEFE); do Centro de Estudos, Pesquisas e Documentação da América Latina (CEPEDAL); e membro da Confraria de Lazer do Paraná. E-mail: ilselorenaqueiros@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Essas conotações pejorativas para designar e identificar os teuto-brasileiros no Sul do Brasil foram estudadas por Giralda Seyferth (1981, p. 193-208). Vale acrescentar que, nessa condição, a categoria “alemão” está associada às de nazista e integralista.

<sup>4</sup> Veja o estudo de AMARAL (1996), que relata um grande número de festas que são realizadas atualmente na cidade de São Paulo, algumas recentes e outras bem antigas, desenvolvidas por diversos grupos étnicos, religiosos, entre outros. Em Santa Catarina ver os dois estudos de FLORES (1997a-b). No Paraná, o trabalho de KLUGE (1996). Estudos mais abrangentes, das diversas regiões do país, podem ser encontrados na imensa produção de folcloristas e nos jornais que as registram.

<sup>5</sup> Segundo três informantes criadores da festa, a *Oktoberfest* foi idealizada na gestão de Ilmar Priesnitz (1986-1987), após uma visita a Blumenau por uma comissão de pessoas da administração pública e empresários da cidade. A festa foi criada a partir desta referência, bem como na realidade rondonense e nas pesquisas em vídeo e revistas alemãs sobre a Festa de Munique, na Alemanha. Dentre vários interesses, um dos que predominou foi a valorização da cultura germânica real e/ou mítica do cotidiano da sociedade (cf. QUEIRÓS, 1999, p. 65).

<sup>6</sup> O termo é utilizado no sentido de alterado, de não ser genuíno.

<sup>7</sup> O termo em alemão significa “pipa de cerveja do avô”. Pessoa fantasiada, que representa o avô alemão, alegre, sociável e festeiro, que tem o gosto peculiar de tomar chope. Símbolo da ancestralidade alemã, criada pelos festeiros, inicialmente para atuar na *Oktoberfest*, e, posteriormente, em todo o período festivo para representar o Município em outras cidades da região, juntamente com a rainha e os casais acompanhantes.

<sup>8</sup> O termo no idioma alemão significa “carro de cerveja”. Na *Oktoberfest*, representa o meio de locomoção utilizado antigamente para o transporte de chope em barril, símbolo da ancestralidade alemã, em suas festas.

<sup>9</sup> Conforme informações divulgadas no convite da 11ª *Oktoberfest*.

<sup>10</sup> Diferentemente de edições passadas, quando predominava a população do município do meio rural e urbano, de todas as faixas etárias e grupos sociais, inclusive crianças nos períodos noturnos.

<sup>11</sup> Consultar BRANDÃO (1974, p. 31).